

O ESTADO DE S. PAULO

QUARTA-FEIRA, 18 DE DEZEMBRO DE 1996

H1

ESPECIAL

AMBIENTE

Vilas da Amazônia resistem a madeireiras

Helcio Nagamini/AE

Inspiradas em Chico Mendes, comunidades do Juruá querem evitar desastre ecológico

PABLO PEREIRA  
Enviado especial

**C**ARAUARI — Abandonar o nomadismo do ciclo das águas, juntar-se em comunidades seringueiras mudando o costume de viver isolados nas matas e, em breve, fiscalizar a exploração madeireira por meio da prática do empate. É assim, repetindo em parte o comportamento dos seguidores do ecologista Chico Mendes, que estão reagindo centenas de ribeirinhos do Vale do Rio Juruá, no município de Carauari, a 900 quilômetros a oeste de Manaus. Eles temem a exploração indiscriminada da floresta por madeireiras asiáticas e prometem fiscalizar a extração de toras.

Em sete comunidades da margem esquerda do rio, os moradores já decidiram mudar hábitos arraigados. Estão vivendo em pequenas vilas. Cresce entre eles o sentimento de que a ofensiva das madeireiras asiáticas na região em busca dos troncos nobres de muiratinga, copaíba e samatima pode provocar um desmatamento semelhante ao registrado nos vizinhos Pará e Rondônia.

Nos últimos meses, empresas como a WTK Organization, da Malásia, e a Cifec, da China, estão fazendo pesados investimentos para transformar frondosas árvores em placas de laminados no distrito industrial de Manaus. Somente a WTK prevê gastar US\$ 18 milhões no mercado. A intenção dos asiáticos provocou alvoroço nas comunidades.

De olho na madeira do Juruá, a WTK comprou em fevereiro 300 mil hectares da família Moraes, de Carauari. O projeto de exploração de madeira, que incluiu um plano de manejo florestal capenga, tramita no Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

**Irregularidades** — No final de outubro, o plano de manejo foi barrado por uma comissão criada para rever centenas de propostas de retirada de madeira, sob suspeita de irregularidades. Mesmo diante da resistência, malaios e chineses estão dispostos a acirrar a concorrência com outras empresas já instaladas. Grupos madeireiros norte-americanos (Carolina), suíços (Mil Madeiras) e alemães (Gethal) operam na selva há quase uma década.

E foi esse assédio do dinheiro malaio (WTK), e também chinês (Cifec), concretizado por negócios fechados no Brasil a partir do início do ano, que liberou sobre as matas amazônicas um fantasma da destruição provocada pela ocupação desordenada da Amazônia que apavora ecologistas. O exemplo mais claro foi revelado em detalhes pelas lentes dos satélites captados em São José dos Campos, no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). É o desmatamento que pode ser medido do espaço em metros ao longo da Rodovia BR-364, de rasgar cerca de 800 quilômetros de Rondônia, de Sul a Norte. Uma extensa área devastada, com lotes cortados de viés, forma uma figura semelhante a uma espinha de peixe. É com a expressão espinha de peixe que a região é citada sempre que alguém fala sobre a área.

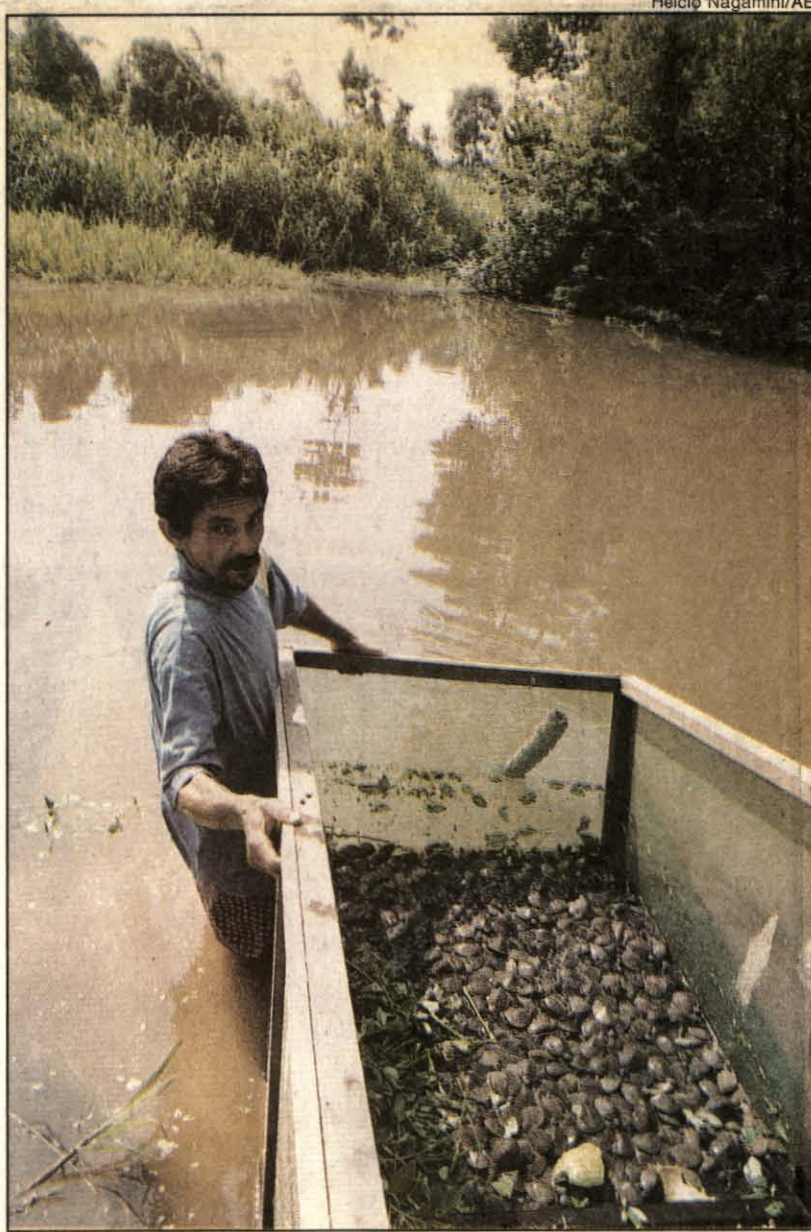
Agora, os ribeirinhos do Juruá querem evitar o desastre ecológico promovido no vizinho pela colonização na década de 70. Apoiados pelo Conselho Nacional dos Seringueiros, do Acre, e pelo Movimento de Educação de Base (MEB), ligado à Igreja Católica, preparam-se para voltar à extração da borracha e para retomar uma ação de resistência ao desmatamento, que ficou conhecida no mundo pelo engajamento de Chico Mendes, assassinado a tiros em Xapuri.

Dia 22, o crime completa oito anos. Chico liderou seringueiros no cerco para proteger árvores que seriam cortadas nas frentes de exploração madeireira, impedindo muitas derrubadas. Ele lutou nos empates e ganhou o ódio de fazendeiros. Foi abatido por uma escopeta em casa às vésperas do Natal de 1988.



Pátio de madeira instalada na margem do Rio Juruá, no Amazonas: medo da devastação provocada nos Estados do Pará e de Rondônia nos anos 70

**MALAIOS E CHINESES ESTÃO ACIRRANDO A CONCORRÊNCIA COM OUTRAS EMPRESAS**



Elson da Silva, da Associação dos Seringueiros: vigia ambiental

"O único jeito de preservar a Amazônia é garantir as reservas extrativistas e parques", pregou Luís Vasconcelos da Silva, coordenador do Conselho Nacional dos Seringueiros, em Rio Branco. Hoje, o Acre tem uma dúzia de reservas extrativistas, resultado do trabalho sistemático da militância dos seringueiros acreanos. "Nós estamos vendo as árvores cair sem fazer nada", lembrou Vasconcelos. "Foi na base do empate que resistimos e vamos fazer isso também em Carauari", previu o líder. "Muitas vezes temos de fazer o trabalho de fiscalização que o governo não faz", justificou ele.

**Nordestino** — Nas matas das várzeas do Juruá, as comunidades envolvidas no projeto dos seringueiros recebem adesões de ribeirinhos de outras regiões e aumentam o contingente de seguidores do ideal de Chico Mendes. Da vila Gume do Facão, a primeira a

ser encontrada a duas horas a bordo de lancha de 25 HPs subindo o rio, ao povoado Mandioca, dez horas adiante, os seringueiros querem a criação de uma reserva extrativista.

Muitos deles são descendentes de nordestinos, que migraram para os confins da Amazônia incentivados pelo governo para extrair borracha durante a Segunda Guerra. Esses pioneiros ficaram conhecidos como os soldados da borracha. Depois, como parece ser praxe no Brasil, foram abandonados à própria sorte.

Sem o amparo prometido, vindo a



Antônio Ribeiro (esq.) e Raimundo Silva: não às derrubadas



Casas das famílias no Vale do Juruá: reserva começa a sair do papel

decadência da produção da borracha e sem alternativas econômicas, filhos e netos dos soldados da borracha foram jogados no extrativismo de outros produtos nativos. Muitos deles já operaram motosserras, derrubando e anelando troncos para abastecer as serrarias com as árvores que agora pretendem preservar. A prática do anelamento mata a árvore em pé. Um sulco ao redor do tronco corta o suprimento de seiva. Seco, o tronco pode ser derrubado sem

rachar. "A gente tem de se fortalecer para não deixar que as derrubadas conti-

nuem", explicou Raimundo Siqueira da Silva, de 55 anos. Filho e neto de soldados da borracha cearenses, Siqueira já cortou toras para madeireiros. Integrado à comunidade do Pupuai, 40 minutos além do Gume do Facão, ele quer voltar a tirar látex. "A madeira continua sendo cortada aí para tirar em março", denunciou. "Olhe na beira do rio e veja se encontra uma samaúma", protestou.

Lembrando que ele próprio já recorreu à extração para sobreviver, Siqueira contou que os troncos derrubados na seca serão retirados das várzeas na época da cheia. Nessa época do ano, as águas sobem na Amazônia, alcançando o nível mais alto no final de fevereiro, quando os rios saem dos leitos e invadem as áreas, transformando a região em um imenso igapó. "É quando quem cortou entra na mata para buscar a madeira que está boiando", explicou.

Ibama concluirá demarcação de reserva em 97

Látex para abastecer usina será extraído pelos ribeirinhos das sete comunidades da região

**A** criação de uma reserva extrativista, principal reivindicação dos seringueiros ribeirinhos do Vale do Juruá, começa a sair do papel. Técnicos do Ibama devem concluir no primeiro semestre do próximo ano a demarcação de uma área de 250 mil hectares de reserva extrativista e a instalação de usinas de beneficiamento de borracha. O látex para abastecer a usina no Vale do Rio Juruá, região cobijada pelas grandes madeireiras, será extraído pelos ribeirinhos das sete comunidades: Gume do Facão, Pupuai, Roque, Bom Jesus, Bauana, Paxiúba e Mandioca.

A área da reserva já foi definida. Fica na margem esquerda do rio, onde se localizam as sete vilas, estendendo-se do Gume do Facão até uma reserva indígena no Rio Ipixuna. A usina de Carauari deve ser a primeira a ser instalada. A previsão é de que, em janeiro, o equipamento já esteja no município. O Ibama estuda também a criação de reserva e indústria de beneficiamento em Manicoré, município ao sul de Manaus.

"O projeto para a Amazônia prevê uma verba de R\$ 2,9 milhões", afirmou o coordenador do projeto, Mário Lúcio da Silva Reis, em Manaus. Os recursos, segundo Reis, são do Departamento de Comercialização do órgão.

A usina de Carauari vai produzir em média 50 toneladas de placa bruta defumada. O quilo do produto custa R\$ 1,35 no mercado nacional. "A borracha produzida nessa região é de boa qualidade", explicou o coordenador do programa no Estado. Os técnicos esperam ver o projeto concluído até o final do primeiro semestre de 97.

A Associação das Comunidades, cuja sede funciona em Carauari, tem 125 filiados. Nos próximos dias, os seringueiros devem receber kits de trabalho, que já estão na sede da associação. Cada kit tem 400 tigelas, duas facas, dois baldes de oito litros, 400 bicos (por onde a resina escorre do tronco para as tigelas), duas bandejas, um litro de ácido acético (coagulante) e um rolo.

Veja a continuação desta reportagem na página H12





Moradores das margens do Rio Juruá, maioria descendente de nordestinos, levam produtos da selva para vender no mercado de Carauari: alimentação à base de frutas e de pequenas roças de mandioca

# Comunidades isoladas têm TV e parabólica

Em casas de madeira na selva, moradores têm contato com resto do mundo via satélite

PABLO PEREIRA  
Enviado especial

As comunidades de seringueiros ribeirinhos do Vale do Rio Juruá passam por uma transição. Vivem em miniaturas de cidades dentro da selva, com casas improvisadas de madeira, cobertas de palha de palmeira ou lâminas de zinco, sobre pilastras de cerca de um metro. Entre hábitos típicos de quem vive em contato com as matas tropicais, como os prosaicos banho de rio, colheita de banana e pesca, além de indicadores de miséria como a convivência com doenças como malária e leishmaniose, os caboclos desfrutam de um dos ícones de maior avanço tecnológico do homem: uma antena parabólica apontada para o céu.

Gume do Facão e Pupuá, as duas primeiras vilas Juruá acima, partindo de Carauari, cidade de 15 mil habitantes, são pobres de quase tudo. Gume tem 19 casas. Pupuá, 32. Nos meses da primavera seca da Amazônia, quando o Juruá baixa, é preciso caminhar cinco quilômetros na mata para ir do rio a Pupuá. A partir de dezembro, tudo muda. As águas voltam a subir, cobrem o matagal da várzea e batem à beira das casas.

Mesmo isolada entre mato e água, sem estradas e numa região na qual o tempo é medido por dias e horas de viagem em barco ou avião, os moradores mantêm contato com o resto do mundo: eles acompanham a pesquisa sobre a descoberta de água na lua via satélite, como se estivessem em qualquer grande cidade assistindo ao noticiário na TV. Uma antena parabólica foi instalada no meio de cada vila. Um motor gerador de energia, que consome 22 litros de óleo diesel por dia, abastece Pupuá das 18h30 às 21 horas. A antena e o gerador foram doações à prefeitura de Carauari no ano pré-eleitoral.

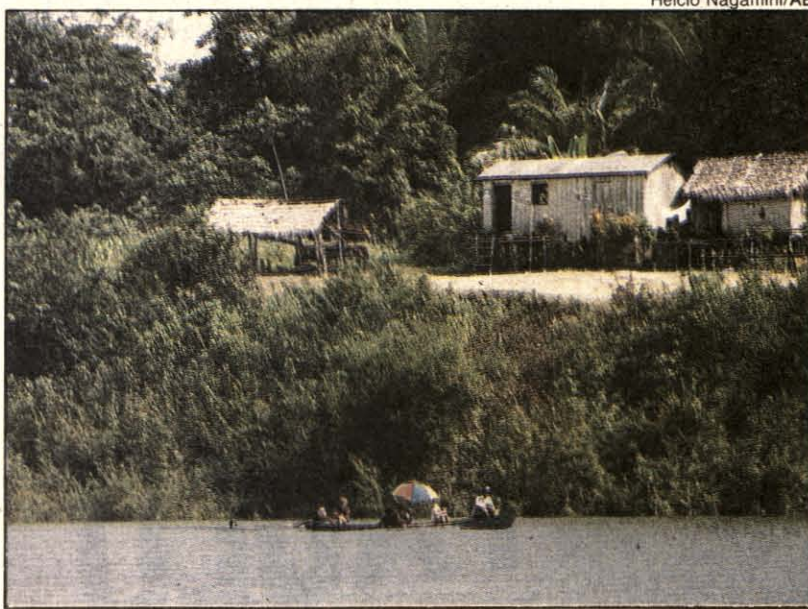
**Algazarra** — Nos finais de tarde, quando abranda o sol de uma temperatura média anual de 32 graus, crianças correm descalças por entre barracos de madeira rústica cobertos de palha de palmeira de Pupuá. A algazarra antecede o horário da reunião diária na frente da TV de 29 polegadas, que atrai a atenção para a casa comunitária no horário da luz elétrica. Na programação, o *Jornal Nacional* e a novela *O Rei do Gado*, da TV Globo.

Vivendo espalhados, os descendentes de nordestinos se transformaram em coletores de produtos naturais. A alimentação é à base de frutos, pesca e de pequenas roças de mandioca. Incentivados pela futura extração do látex, prometida pelo Ibama, cada vez mais se aglomeram.

"Mas é difícil fazer a adaptação deles nas comunidades", afirma Ademir Francisco da Silva Cruz, integrante do Movimento de Educação de Base (MEB), organização católica que trabalha nas outras seis comunidades da floresta do Juruá. Mesmo com a perspectiva bem próxima do trabalho conjunto, há resistências. "Alguns ainda mantêm as casas mais afastadas do núcleo", explica Cruz. "Eles estão habituados a viver isolados e quando mudam para as vilas levam algum tempo para se acostumar", disse. A discussão



Vila Gume do Facão, a primeira das sete existentes na margem do Juruá, onde moram seringueiros: desejo de reserva extrativista



Ribeirinhos no único meio de transporte até Carauari

sobre o que consideram uma ameaça para a floresta e a produção de farinha são os principais assuntos.

Ao anoitecer, os 120 moradores discutem em assembléia a ocupação da região por madeireiros asiáticos. Os encontros ocorrem pouco antes do horário do lazer em frente da TV. Depois de definir o que fazer com a produção artesanal de farinha que se acumula na casa comunitária, eles ouvem apelos dos líderes sobre a necessidade de organização.

A produção da farinha de mandioca é vendida em sacas de 80 litros no mercado público de Carauari por R\$ 0,35 o litro. Serve de fonte de recursos enquanto esperam pela instalação de

uma usina de beneficiamento de borraça na futura reserva.

**Divergências** — Mas mesmo entre eles há divergências. "Estavam muito comodistas lá", afirmou na semana passada Luis Vasconcelos da Silva, líder seringueiro do Acre que esteve nas comunidades falando sobre a ameaça do capital estrangeiro. "A idéia não é criar agrovilas e sim manter a união na luta por reservas extrativistas", disse. "Eles estavam estocando



Romualdo Bezerra e 9 de seus 10 filhos, em Pupuá: homem da luz

farinha sem ter para quem vender", justificou. "Não é esse o objetivo e foi preciso corrigir."

Um dos mais cuidadosos fabricantes de farinha da vila é Romualdo de Andrade Bezerra, de 44 anos. Ele cria os dez filhos na última casa da única rua de Pupuá. É o homem da luz, responsável pelo gerador de energia. A mulher, Maria de Jesus, e o filho mais velho, Célio, são os professores da escolinha improvisada.

Quando mãe e filho entram no peque-

no barco da família para passar o dia em viagem de ida e volta a Carauari, Bezerra comanda os outros nove filhos. Luis, de 14 anos, cuida das irmãs menores, enquanto Cláudio, de 16 anos, é encarregado de cozinhar. Bezerra, que também já cortou madeira para sustentar a família, se orgulha da lavoura com abacaxi, abacate, caju e cupuaçu que tem nos fundos da casa, ao lado de mandioca.

À tarde, Cláudio retorna do rio com um tucunaré de 5 quilos. No jantar, vai à mesa uma panela com peixe cortado em postas, cebola picada, coentro e sal. O acompanhamento do prato é arroz branco empapado e farinha de mandioca. Com abacaxi de sobremesa.

## Seringueiros do Juruá fazem vigília ambiental

Orientados por técnicos do Ibama, eles impedem a caça de tartarugas e tracajás

Na várzea do Juruá, os seringueiros ribeirinhos desenvolvem outra atividade de controle e fiscalização. Pelo menos dois membros de cada comunidade foram escolhidos para integrar uma espécie de vigília ambiental independente. Orientados por técnicos do Ibama, eles controlam a desova dos quelônios nas praias nos meses de seca, impedindo a caça de tartarugas e tracajás.

"Eles vão nos ajudar também na fiscalização do desenvolvimento de quelônios e de outras espécies ameaçadas", argumentou Mário Lúcio da Silva Reis, do Ibama. A partir do início de janeiro, Reis volta ao Juruá para completar um curso dos futuros usuários da usina.

No Gume do Facão, Elson Pacheco da Silva, de 43 anos, presidente da Associação dos Seringueiros, é um dos vigias ambientais. Os moradores mantêm um viveiro, que chamam de berçário, no igarapé existente à entrada da vila. São filhotes capturados nas praias logo após a desova. Os seringueiros cuidam dos quelônios e só soltam os animais nas praias quando já estão com a carapaça dura e com o umbigo cicatrizado, em condições de resistir aos ataques dos predadores: piranhas, traíras e caçadores.

**Abandono** — Um dos sonhos dos líderes das comunidades é a reversão do quadro de abandono do poder público. No ano passado, no período de janeiro a dezembro, das 3.051 lâminas com amostras sanguíneas com suspeita de malária, 551 foram positivas. Neste ano, de janeiro a outubro, das 3.711 análises, 864 comprovaram malária. "Há um aumento no número de casos, mas a doença está sob controle", afirmou Antônio Campelo, funcionário da Fundação Nacional de Saúde em Carauari.

Nas comunidades seringueiras, sala de aula tem a mesma importância que a elas é conferida no semi-árido baiano, onde crianças deixam a escola para trabalhar na extração de pedras e sisal. Com uma diferença.

Ahmos como Ediana Bentes, de 10 anos, que mora no Gume do Facão, não trabalham em seringueiras nem na roça. Mas depois de três anos de matrícula, como os colegas explorados na Bahia, ela continua sem saber ler. "Levaram as tábuas da escola para fazer uma maromba", alegou a professora Antônia Josefa da Silva, 20 anos. Maromba é sinônimo de barco usado na Amazônia para transportar gado.

**TEMPO É MEDIDO POR HORAS DE BARCO E AVIÃO**